

**A saga da identidade na modernidade líquida: busca do eu inacabado nas obras juvenis contemporâneas / *The saga of identity in liquid modernity: the search for the unfinished self in contemporary youth collected works***

Maria da Penha Casado Alves\*  
Jandara Assis de Oliveira Andrade\*\*  
Juan dos Santos Silva\*\*\*

RESUMO

Este artigo discute a forma como a literatura passou por um processo de ressignificação, impulsionado pelos avanços tecnológicos e pelo apelo dos seus leitores, os quais se infiltraram no meio literário através de criações próprias e da visão de novos autores que passaram a representar os posicionamentos, as valorações e as vivências desse público leitor, principalmente, dos jovens leitores. Desse modo, evidencia os desdobramentos da nomeada “literatura contemporânea”, a qual rompe com a lógica da literatura moderna que a antecede e se concretiza como um espectro artístico mais amplo (no sentido que toca as questões que são caras ao seu público) marcado pela liquidez contemporânea e, por consequência, ressignificado. Para tanto, Pretende investigar a forma como as identidades juvenis são refletidas e refratadas nas obras literárias voltadas para esse público (nomeadas best-sellers, literatura de saga ou de entretenimento), uma vez que essas narrativas são construídas a partir de questões axiológicas, dilemas e problemáticas contemporâneas da juventude a qual representa. Nesse sentido, baseia-se nas concepções de Mikhail Bakhtin e de García Canclini, para com elas, e a partir delas, compreender o processo de representação juvenil na literatura contemporânea e como esse processo oxigena e corrói estruturas previamente cristalizadas ao longo do processo de criação literária construído até então, seja por meio da leitura em si, seja por meio das práticas discursivas que se sucedem à leitura, como a organização em comunidades e a construção de fanfics. A partir das análises realizadas, conclui-se que a literatura da era líquida, em seu processo de mutação, criou um novo e gigantesco sistema de leitores, leituras e escritores que não deve mais ser olhado com os olhos do passado, uma vez que estamos diante de um sistema aprimorado, denso e complexo que envolve texto e leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Jovens leitores; Literatura Contemporânea; Obras Juvenis; Representação Juvenil

ABSTRACT

*This article discusses how literature underwent a process of resignification, driven by technological advances and the appeal of its readers, who infiltrated the literary milieu through their own creations and the vision of new authors that came to represent the positions, the valuations and the experiences of this reading public, especially, the young readers. In this way, it shows the unfolding of the so-called "contemporary literature", which breaks with the logic of modern literature that precedes it and becomes a broader artistic spectrum (in the sense that it touches on issues that are dear to its audience) liquidity and, consequently, re-signified. In order to do so, it aims to investigate how juvenile identities are reflected and refracted in literary works aimed at this audience (named best-sellers, saga literature or entertainment), since these narratives are constructed from axiological questions, dilemmas and contemporary problems of the youth it represents. In this sense, it is based on the conceptions of Mikhail Bakhtin and García Canclini, from them, and from them, to understand the process of juvenile*

---

\* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Professora associada no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem e no ProfLetras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Brasil, [penhalves@msn.com](mailto:penhalves@msn.com).

\*\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Brasil, [jandara.aassis@gmail.com](mailto:jandara.aassis@gmail.com).

\*\*\* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Brasil, [juanfflorencio@gmail.com](mailto:juanfflorencio@gmail.com).

*representation in contemporary literature and how this process oxygenates and erodes structures previously crystallized throughout the creation process literary discourse constructed up to that time, either through reading itself or through the discursive practices that follow the reading, such as organization in communities and the construction of fanfics. From the analyzes carried out, it is concluded that the literature of the liquid age, in its process of mutation, has created a new and massive system of readers, readings and writers that should no longer be looked at with the eyes of the past, since we are facing an improved, dense and complex system involving text and readers.*

*KEY-WORDS: Literature; Young readers; Contemporary Literature; Youth Works; Youth Representation*

## **1 Introdução**

O fim da era moderna fez com que inúmeros pensadores e artistas apostassem suas fichas na morte de determinadas formas de expressão artística na nova era que se revelava no horizonte. A literatura estava entre as mais cotadas a vivenciar sua morte em uma sociedade que a valorizaria cada vez menos em detrimento de outras atividades culturais (cinema, música e séries televisivas, por exemplo). Hoje, viva e altamente presente nas livrarias e bibliotecas do mundo todo, a literatura passa bem e ao invés de morte, experienciou uma série de mutações.

Pretendemos discutir os desdobramentos da literatura contemporânea, a qual, evidentemente, rompe com alguns aspectos da literatura moderna que a antecede, tanto pelo próprio livro que sofreu revoluções de suporte nas últimas décadas (CHARTIER, 2009) quanto por questões temáticas que modificam as razões e questões que levam um sujeito a buscar o objeto literário. Para tanto, pretendemos apresentar um feixe de obras juvenis nomeadas best-sellers, literatura de saga ou entretenimento, na intenção de investigar como essas narrativas refratam e refletem as identidades juvenis - espectro de sujeitos leitores interessante para esta pesquisa, já que esse público é responsável por uma grande quantidade de vendas de livros na atualidade -, à medida que levam ao romance também questões axiológicas, dilemas e problemáticas contemporâneas da juventude a qual representa.

A fim de compreender as questões elencadas, nos reportamos aos trabalhos de Bakhtin (2011) sobre alteridade e a categoria de reelaboração, no intuito de compreender como esse discurso da vida é transportado para o mundo da arte e seus efeitos no leitor e no espaço com o qual interage. Em paralelo a isso, os estudos históricos de Chartier (1999) sobre o livro em paralelo com suas discussões sobre leitura e comunidades de leitores (1992), são essenciais para caracterizar essa literatura

repaginada que materializa no mercado editorial nas últimas décadas. Juntam-se ao arcabouço teórico autores como Louro (2016) e Benjamim (1985) com discussões que evidenciam a situação desses sujeitos e propiciam um olhar mais sensível à literatura da contemporaneidade; além disso, autores como Jenkins (2009; 2015) e Certeau (1998) são inseridos ao debate por tratarem das questões pertinentes ao leitor, à leitura a literatura e os campos de convergências das mídias digitais que a potencializam.

## **2 Ainda há sentido na literatura?**

As quebras de paradigmas, as revoluções sociais, as lutas sindicais, as guerras mundiais e as diversas implantações de regimes totalitários durante a idade moderna favoreceram uma realidade em combustão a qual foi representada de forma sensível pelos artefatos artísticos. A literatura, em particular, foi um dos campos que abrigou e, por conseguinte, problematizou essas questões e, ao levá-las ao campo artístico, propiciou olhares particulares, sensíveis e palatáveis para os diversos acontecimentos que tornaram o olhar dos sujeitos saturado e insensível. A grande barreira que é capaz de simbolizar as diferenças entre a literatura dita da idade moderna e a literatura contemporânea reside na ambição autotélica (PERRONE-MOISÉS, 2016) a qual prezava por uma arte que basta-se a si mesma, estivesse radicalmente separada da sociedade burguesa e hermética ao alcance de poucos leitores. Recolhida em uma espécie de torre de marfim, a literatura passou a perder seu poder comunicativo e seu prestígio social. Nesse viés, com o início da contemporaneidade e a maior evidência de grupos socialmente oprimidos e com cada vez mais representação no universo artístico, o interesse dos estudiosos pelas práticas discursivas desses sujeitos fez surgir os estudos culturais, nos quais essas práticas literárias eram vistas como originárias de grupos e sujeitos historicizados e que, a partir de questões próprias criavam novas narrativas e fomentavam uma literatura não mais com viés puramente artístico, mas fortemente cultural no sentido de trazer para a arte as raízes do mundo sobre o qual se escreve. Assim, a literatura desgarra fortemente da torre de marfim e vai na direção dos mercados, das tabernas, das ruas e vielas e das casas do operário comum.

Por vezes, compreendemos as mudanças econômicas e políticas como separadas da vida cotidiana, como se essas questões tivessem pouca interferência no modo com o

qual vivemos, pensamos e agimos. Na realidade, toda geração tende a enfrentar dilemas e crises sociais durante sua vida, e estas irão diretamente influenciar a forma com a qual observam o mundo. Ao entender como ideologia uma série de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se manifesta por meio de palavras ou outras formas sígnicas (ou atos éticos), Volochinov (2017) demonstra que qualquer que seja a nossa interação verbal com o outro no mundo, esta estará valorada por ideologias. Tal afirmação entra em comunhão com o que discutimos anteriormente, tendo em vista o sujeito enquanto ser no mundo social está constituído axiologicamente a partir de um processo de interação com o mundo o qual o preenche, muda e o mantém em constante construção enquanto ser inacabado (BAKHTIN, 2011).

Nesse sentido, a literatura tem, ao longo do tempo, levado ao centro da discussão questões incômodas ao sujeito que escreve situado em dado momento histórico e lugar específico. É necessário esclarecermos sobre qual literatura nos referimos aqui, uma vez que a rubrica de artefato literário ainda causa discussão, sobretudo no ambiente acadêmico o qual ainda está cercado de uma aura (BENJAMIN, 1985) que chancela apenas os eleitos a receberem a etiqueta do que realmente é objeto literário. Entendemos a literatura como uma poderosa mediadora entre diferentes culturas em constante mutação (PERRONE-MOISÉS, 2016), proposição à liberdade do autor (SARTRE, 1948) e responsável por tomar a palavra ainda aquecida pelo calor da luta e das hostilidades e subordiná-las a um artefato artístico (BAKHTIN, 2015). Nesse sentido, compreendemos as literaturas ditas de saga, entretenimento ou best-seller como literatura, de fato. Assim, um dos objetivos deste trabalho é evidenciar a necessidade de tratar esses textos literários levando em conta a sua importância como artefato literário que são, livre das rotulações que valoram negativamente essas obras.

Nesse contexto, o lançamento da saga Harry Potter em 2000 é um marco para a história da literatura nos anos que se seguiram. O mercado literário da época, apesar de já ter vivenciado momento de alto lucro com outras obras como *O Senhor dos Anéis* (2002) e *As Crônicas de Nárnia* (2009), não tinha ideia do impacto que a obra do bruxo de onze anos causaria nas livrarias do mundo. A obra deu origem a um mercado editorial focado em um nicho juvenil que, aparentemente, não tinha medo de encarar livros grandes e dos mais variados tipos, desde que trouxessem uma narrativa envolvente e uma aventura a ser embarcada. A saga mais vendida no mundo promoveu

sucessores que continuam gerando febre entre leitores ao redor do mundo e enriquecendo o mercado editorial, como *Crepúsculo* (2008), *Jogos Vorazes* (2010) e as obras de John Green, um caso especial em que não há uma saga, mas uma sucessão de obras individuais do autor. De fato, a literatura que era vista décadas antes como propensa à morte, como discutido por Perrone-Moisés (2016) ao longo de sua obra se mostrou, antes, em mutação, participante de um projeto discursivo que sofreu mudanças junto com aqueles que a produz: os sujeitos.

É certo que nenhum grande sucesso acontece por acaso. A saga do bruxo Harry Potter tinha algo na sua narrativa que muitos dos editores da época não tinham observado e deixaram passar: a emergência por identidade que surgia ali na virada do século XX para o XXI. Durante o século XIX e boa parte do século XX, os sujeitos pertenciam a uma nação e imaginavam suas relações de identidade com os outros como moldadas a partir do lugar que falavam (CANCLINI, 2002; HALL, 2015). Essa percepção de si como unicamente ou quase totalmente construído a partir da nacionalidade começa a ser questionada quando o mundo inicia por meio da globalização e dos avanços tecnológicos um processo de desterritorialização (CANCLINI, 2003) que gera um deslocamento ou descentramento dos elementos culturais e, por consequência, dos sujeitos (HALL, 2015). Ou seja, essa percepção da nação como um dado para a concretização da identidade insere essa categoria em uma espécie de crise, o que a fará ser questionada e percebida não mais como fixa, coerente e estável (HALL, 2015). Nesse momento, percebe-se uma sociedade na qual os sujeitos perdem as amarras sociais que faziam sua identidade parecer natural, predeterminada e inegociável, iniciando uma jornada em busca de um “nós” a quem se possa pedir acesso (BAUMAN, 2005), pois passa-se a compreender que os sujeitos são compostos por identidades fluidas, fragmentadas, transitórias e múltiplas (HALL 2015; LOURO, 2016).

Nesse tocante, ao voltarmos nossos olhares para a saga de J. K. Rowling, percebemos que a fantasia da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts se torna um reflexo muito bem construído da realidade de seus leitores. Tem-se o herói fantástico órfão que mora com seus tios adotivos – que não o suportam – e sonha em ter uma das sensações mais caras ao sujeito contemporâneo: o pertencimento. Seu sonho é atendido quando no seu aniversário um gigante visita a sua casa e o leva para uma escola de

bruxaria que já o aguardava há vários anos. Lá, o menino encontra amigos, propósitos, inimigos e, sobretudo, a sua missão de vida: lutar contra o grande mal, o seu inimigo e antagonista. O que parece uma narrativa totalmente desligada do mundo concreto se torna cada vez mais o retrato da vida adolescente com os flashes do primeiro amor, as responsabilidades, as intrigas na escola e os dilemas morais da vida. É aqui que está o grande trunfo da saga, entregar aos sujeitos juvenis uma literatura que dialogue com o cronotopo em que estão situados. As crianças e pré-adolescentes estavam diante daquilo que suas mentes mais acham interessante nessa faixa etária, a aventura. Os adolescentes que começam a perceber a vida com mais profundidade e lidam com seus primeiros dilemas e descobertas têm na saga uma representação de suas questões, na medida em que as personagens crescem. Daí essa saga marcar o espaço-tempo propício para as mutações literárias que se seguiram no nicho de publicação dos leitores jovens.

Apesar das diversas similitudes com o mundo real, a saga Harry Potter está marcada por certo pudor e higienização, aspectos compreensíveis tendo em vista necessitar atender as especificidades do período em que foi publicada, final do século XX. Desse modo, a sexualidade, os impulsos, as identidades e os outros dilemas das descobertas adolescentes não ganharam tanta visibilidade na obra. Para isso, duas explicações são plausíveis. A primeira delas, como já mencionado, envolve o ano de publicação da obra, pois apesar das ferramentas tecnológicas e da globalização já terem papel significativo em 1997, o processo de socialização e discussão da situação de minorias e das identidades marginalizadas ainda não tinha tanta força nesses espaços e tendiam a ser ignoradas nas discussões. É somente na primeira década do século XXI que os movimentos LGBTQ+ e feminista, em parceria com muitos outros movimentos de luta social, conseguem inserir suas pautas com mais força no meio social e ter, por consequência, essas questões refratadas e refletidas para o mundo da arte (livros, filmes, séries, músicas e outros). Por sua vez, a segunda explicação está ligada ao gênero discursivo. O romance, nesse caso o romance fantástico com teor de aventura, tem personagens muito próximos dos heróis gregos, os quais possuem identidades extremamente ligadas à aventura, muito mais do que ao seu espaço social e dilemas de época (PAES, 1987). No caso do Harry, todas as suas decisões giram em torno da sua grande missão de vida: matar o seu inimigo. Suas decisões, palavras e ações estão focadas no seu destino, nunca voltadas para a sua sexualidade, o seu gênero, a sua

posição social ou econômica. Esses dilemas permanecem ocultos de toda a narrativa, não sendo significativos para a construção identitária das personagens que apenas são acabados a partir de seus destinos e profecias.

Após a virada do século, e de uma longa sucessão de sagas, eis que surge um gênero representativo na questão da identidade: o Young Adult. Tendo como principal representante o autor John Green, obras como *A Culpa é das Estrelas* (2014) e *Cidades de Papel* (2015) trazem personagens com identidades mais profundas e dilemas do mundo social latentes. Nesse momento literário, as identidades aparecem com muita força e evidenciam as questões juvenis do cronotopo contemporâneo. Tendo as identidades se tornado uma jornada mais latente ao longo dos anos, bem como em paralelo com uma complexa quantidade de forças centrípetas (BAKHTIN, 2015) que tentam uniformizar essas identidades em nome de um sistema que lucra com essa homogeneização, a arte – em especial a literatura – tem sido a forma de se fugir dessa realidade e se constituir axiologicamente, a partir da observação do outro fictício que assume nesse meio irreal a sua identidade no mundo da arte. Ou seja, as personagens gays, transexuais, negras, fora dos padrões estéticos, pobre, com deficiência ou deslocado de qualquer modelo tido como padrão e aceitável aparecem nesses romances e o leitor se identifica com eles, mudando a noção de uma literatura que, supostamente, apenas entretinha, para uma literatura que convida a se encontrar consigo mesmo.

Nessa perspectiva, é visível uma literatura juvenil que apresentar personagens com realidades muito próximas dos sujeitos jovens e, em consequência, dão origem a um processo de acabamento capazes de romper com o imaginário de uma literatura de mero entretenimento ou pobre de sentido que corroboram com a ideia de morte literária, tendo em vista o número crescente de leitores e de práticas literárias. Além disso, é visível uma literatura que mostra de forma tensa o quanto a questão das identidades culturais na contemporaneidade é relevante e o quanto o papel da arte tem sofrido mutações ao longo dos séculos. Tendo isso em mente, é possível agora perceber e problematizar o quanto esse processo literário tem servido de espaço para a representação de minorias e de sujeitos vítimas de silenciamento e esvaziamento identitário ao longo da história. Antes de seguir, é importante relembrar que a leitura juvenil na contemporaneidade funciona de forma distinta. Afinal, ela abandona quase completamente a leitura solitária e se debruça sobre um circuito dialógico que torna o

livro um passaporte para uma gama enorme de possibilidades de interação escrita e oral. Para Jenkins (2015), a leitura sofre mutações porque os sujeitos leitores atuais vivem em um mundo de mutações e, portanto, os fãs não são apenas consumidores de história pré-produzidas, eles fabricam seus próprios fanzines de contos, seus livros, cartazes, músicas, vídeos, performances etc. Compreender a literatura juvenil e o próprio sujeito jovem requer, primordialmente, reconhecê-lo como situado em um panorama no qual literatura, mídia e globalização se chocam e convivem em um processo de convergência, e nesse conglomerados residem suas identidades múltiplas e questões específicas. Analisar essas questões separadas, e não como um conjunto de práticas dialógicas é comprometer o entendimento total do sistema social que serve como plano de fundo desses seres.

### **3 É na literatura e por meio dela que me completo: o sujeito leitor e sua incompletude**

Como apontado na seção anterior, o sujeito escritor, muitas vezes, reflete e refrata em seus escritos problemáticas que lhe são caras, dando, assim, visibilidade às questões que são vistas como tabus pela sociedade e, no entanto, são importantes para diversos outros indivíduos. Contudo, por muito tempo apenas aqueles poucos escolhidos, considerados portadores de dons divinos, poderiam ser considerados autores (CERTEAU, 1998). Perrone-Moisés (2016, p. 9) assevera que “o prestígio da literatura levou-a a uma ambição autotélica: separar-se radicalmente da sociedade burguesa (utilitária), bastar-se a si mesma como ‘arte pela arte’ cultivando um discurso cifrado e hermético ao alcance de poucos leitores”. Nesse sentido, o artefato artístico, seja ele literário ou das mais diversas artes, possuía uma aura sagrada e, por isso, o sujeito leitor (espectador ou apreciador) deveria apenas lê-la acatando as interpretações autorizadas, isto é, aquelas advindas dos expertos, ou de uma chamada “crítica literária” (CERTEAU, 1998). Ir contra esse ideário era considerado uma profanação do texto.

O processo de globalização não apenas impactou nas questões de identidade dos sujeitos, mas também facilitou a interação entre os eles, dando origem ao que Henry Jenkins (2009) chamou de cultura da convergência ou convergência midiática. A cultura da convergência permitiu que os sujeitos interagissem em tempo real, por meio dos

equipamentos eletrônicos e das ferramentas dispostas na internet. Nesse contexto o telespectador, visto como passivo, tem a opção de se tornar produtor ou criador e, assim, exercer sua criatividade. Além disso, a leitura que, em épocas anteriores, era realizada individualmente passa a ser algo coletivo.

Nesse processo, a leitura ao invés de “morrer” se modificou para se adequar às ferramentas dispostas no ambiente virtual, bem como às necessidades dos leitores. O ato de ler passa a fazer parte de um processo coletivo, no qual os leitores criam espaços destinados, quase exclusivamente, à leitura, ao debate e ao compartilhamento de produções próprias que têm como catalisador um texto matriz. Essa organização dos grupos de leitores é chamada por Chartier (1992, p. 216) de comunidades de leitores, as quais são definidas pelo autor como “[...] ‘comunidades interpretativas’ [STANLEY FISH, 1980] cujos membros compartilham os mesmos estilos de leituras e as mesmas estratégias de interpretação.”, elas utilizam as ferramentas dispostas em ambiente virtual a fim de facilitar o desenvolvimento e a realização de suas práticas. As ferramentas da internet propiciam a criação de espaços destinados a interpretações compartilhadas dos textos que são caros aos participantes das comunidades, bem como exercerem sua criatividade com o intuito de deixarem suas marcas nesse texto (seja literário, televisivo, cinematográfico ou outro).

As comunidade de fãs realizam o que Canclini (2003) chama de processo de descolecionar, a qual diz respeito a desestruturação das coleções que estruturam e segregam os elementos culturais, pois os fãs passam a criar suas próprias coleções com textos culturais ditos “clássicos” e “populares”. Por exemplo, os fãs realizam leituras das obras de Shakespeare, de Machado de Assis, mas também leem J. K. Rowling, Stephanie Meyer, Jojo Moyes e John Green. Há, nesse sentido, uma mescla entre textos pertencentes às “velhas” e às “novas” coleções que são produzidos na sociedade. Outro aspecto importante das comunidades de leitores é que não consomem apenas textos verbais, seu envolvimento com as obras não terminam quando o texto é expandido para todos os textos criados a partir do texto matriz. Harry Potter, como apontado anteriormente, teve grande importância para a literatura, pelo fato de “abrir as portas” para a insurgência de narrativas voltadas para o público jovem. Por isso, a narrativa escrita por J. K. Rowling possui um grande fandom, o qual além de consumir a história escrita, consome os filmes, os jogos virtuais, entre outros textos produzidos pelas

mídias. No entanto, esse fandom, assim como os fãs da série televisiva Star Trek, não se conformou em serem apenas consumidores, eles transgrediram o ideal de fã receptor e passaram a realizar atividades interpretativas. Um exemplo de atividade interpretativa dos fãs é o caso da escritora Cassandra Clare que como leitora dos livros Harry Potter não aceitou o par romântico vivido entre Hermione Granger e Ronald Weasley e além de gravar um vídeo queimando-os, criou sua própria narrativa, intitulada de Os Instrumentos Mortais (2010-2014). Esse exemplo evidencia o quanto o leitor se desprende da ideia de que não é capaz de realizar interpretações autônomas daquelas autorizadas, ou da quebra da aura de santidade do artefato literário, pois a leitora desafia o texto e expõe sua opinião sobre o rumo dado pela autora a história. Dessa forma, vemos a maturidade do leitor que não tem medo de externar suas impressões sobre o texto, mesmo que gere todo um debate ou embate sobre o que expõe.

O leitor é o sujeito que dá sentido ao que lê, pois, conforme afirma Chartier (1992), o leitor se apropria dos textos, dando significados, muitas vezes, diferentes daqueles pensados pelo autor e exerce sua criatividade, extrapolando os limites das páginas dos romances e criando novas formas e interpretações acerca de uma narrativa matriz. Assim, as atividades realizadas pelas comunidades de leitores, não se restringiram apenas a leitura e a interpretação dos textos, uma vez que eles vão além delas ao desenvolverem práticas de criação. Essas práticas podem ser a produção de vídeos (chamados fanvídeos), de desenhos (chamados fanarts) e da escrita de textos (chamados fanfiction, fanfic ou fic). Nesse tocante, é importante apontar que essas práticas de fãs são realizadas sem que seus produtores recebam ganhos financeiros. Entretanto, há casos de fanfics que por terem um grande número de leitores atraem a atenção de editoras e geram uma nova narrativa ao se transformarem em textos matrizes. A fanfiction, da Saga Crepúsculo, Mestre do Universo é um exemplo desse processo, uma vez que deu origem a trilogia Cinquenta Tons de Cinza (2012).

O filme Voldemort: a origem do herdeiro (2018) foi escrito, produzido e encenado por fãs, ele narra a história do bruxo das trevas Lord Voldemort, antagonista do Harry Potter. Esse é um exemplo de fanvídeo, no qual os fãs utilizam sua interpretação sobre um fato ou, nesse caso, um personagem do universo do texto matriz (Harry Potter) e o expandem ou criam explicações para situações a fim de sanar suas curiosidades sobre aquele fato/personagem, bem como imprimir sua marca de autoria na

narrativa lida. Até então os fanvideos sobre essa Saga tinham o formato de trailer para os livros, os filmes ou as fanfics, contudo, assim como o fandom de Star Wars que há muitos anos vem produzindo seus próprios filmes sobre a narrativa matriz, os fãs de Harry Potter decidiram contar sua própria história sobre um personagem da Saga.

As fanfictions possuem há vários anos seus espaços próprios e são produções nas quais os fãs impõem sua visão sobre o texto matriz, podendo expandi-lo, mudar o foco da narrativa, modificar totalmente a forma como a história foi escrita, etc.. Além disso, essa prática de escrita permite aos fãs imprimirem seu posicionamento axiológico, desse modo, situações que no texto matriz não recebem destaque ou até mesmo não se presentificam passam a ser foco no enredo central da fic. Jenkins explica que ao escreverem seus textos os fãs

[...] tiram personagens e questões narrativas das margens; enfocam detalhes que são excessivos ou periféricos às tramas principais, mas que ganham significado dentro das concepções que os fãs têm [...]. [...] borram ainda mais o limite entre leitor e escritor; [...] rejeitam fatos especificados na narrativa [...]. [A escrita de fanfic's apoia-se] em concepções sobre o metatexto fã, reagem a desejos muito expressados na comunidade de fã e ainda assim superam o *status* de crítica e interpretação; são narrativas de satisfação, recebidas avidamente por um leitorado fã já disposto a aceitar e apreciar [...]. (2015, p. 162).

Desse modo, questões de gênero ou de sexualidade ganham destaque mesmo quando não são o foco central dessas narrativas, por exemplo. Ainda em conformidade com Jenkins, Andrade (2017, p. 617) aponta que “o autor de fanfiction, [...], se apropria das narrativas e utiliza aspectos, muitas vezes, deixados à margem pelos autores do texto matriz para produzirem suas histórias.”

Essas atividades de fãs estão em diálogo com textos pertencentes a uma literatura tida como “de massa”, vista como aquela que não possui valor literário, no entanto, são histórias atraentes a um grande público, jovem ou não, e que tratam de temáticas relevantes para esse público. A literatura que hoje, meados de 2018, é tida como de massa traz em seus textos debates que ultrapassam os limites do papel e debate abertamente sobre problemáticas sociais e questões as quais geram conflitos nos sujeitos – seja com o mundo que o cerca ou com ele próprio. Nesses textos aquele indivíduo inacabado encontra respostas que o ajudam a encontrar sua completude, pois é no outro

que me constituo (VOLÓCHINOV, 2017), em outras palavras, é na vivência do outro que esse leitor se completa, se compreende. Andrade explica que

o jovem encontra na fanfiction a oportunidade de expressar sua opinião sobre o mundo que o cerca, não é mais apenas a questão de se sentir parte do texto por ter uma afinidade com as personagens e suas histórias, é possibilidade de compartilhar impressões e saberes. Por isso, a transformação de personagens acabadas. O autor de fanfiction rompe com os discursos monologizantes de centralização e constrói em seu texto uma personagem que não é mais a mocinha inocente, mas sim uma mocinha empoderada que tomará decisões sobre sua vida de acordo com as suas vontades, que não tem medo ou vergonha de ter relações sexuais grupais, que se envolve com vários homens e mulheres sem temer a sociedade que a cerca. Idade, relações de poder se tornam apenas uma pedrinha que essa mocinha chuta para longe de seu caminho e continua a sua jornada. (2017, p. 619-620).

Por isso, há tantas fanfictions que exploram as questões sexuais não focadas em Harry Potter, ou em outras narrativas, da mesma forma há aquelas nas quais Harry é gay e se relaciona com Draco Malfoy (Draco Malfoy é o rival de Harry Potter na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts), e Hermione Granger não é um exemplo de pureza e inteligência, mas sim é uma mulher empoderada – o que não exclui a inteligência, porém essa não é sua única característica definidora.

Isso é possível, pois a palavra quando constituinte de um discurso é carregada de valoração, isto é, de ideologia (VOLOCHINOV, 2017). Dessa forma, ao criar sua própria história a partir de uma matriz, o autor transcreve para esse texto suas impressões do mundo social que o cerca, bem como pode discutir sobre aquelas questões tabus. O que ocorre devido à cultura da convergência é o estabelecimento de uma rede dialógica formada por fãs, redes midiáticas, autores e produtores de fanfiction, a qual dará uma maior visibilidade a questão debatida no texto. Nessa rede são externados posicionamentos axiológicos contrários e favoráveis ao pensamento do autor e às forças verboideológicas de dispersão e de contenção.

Após tratar das práticas de leitura e escrita realizadas pelos fãs, voltamos nossos olhos para a discussão sobre as histórias que atendem as necessidades dos leitores deste século.

#### **4 Sujeitos leitores à procura de um lugar neste século**

Cuando Octavio Paz escribió en *El labirinto de la soledad*, en 1950, que los mexicanos se sentían por primera vez contemporáneos de todos los hombres, todavía no existían la televisión ni el video. Tampoco palabras que representan nuevos modos de comunicación intercultural: disco compacto, disquete, escáner, internauta, teléfono celular, teletienda. Nunca pudimos ser tan cosmopolitas como ahora, tan contemporáneos de muchas culturas, y sin viajar. Basta ver cómo combinan los jóvenes las nuevas formas de territorialización barrial, como el graffiti, con los mensajes musicales y televisivos transnacionales. (CANCLINI, 2002, p. 51).

Ao tratar de uma literatura constituída de mutações e de sujeitos leitores expostos a novos e mais amplos modos de ler, é imprescindível que se tenha muito claro quem é esse leitor ao qual nos referimos. Tratar a juventude hoje parece tratar de uma classe que apresenta uma grandiosidade de traços em comum, ao menos no ocidente. Cada vez mais os jovens brasileiros ou mexicanos, bolivianos ou costarriquenhos se parecem mais, uma vez que consomem livros e cultura de massa em geral muito semelhantes. Esse ponto de vista só pode ser totalmente creditado uma vez que se observe a situação de forma generalizadora e superficial, uma vez que apesar de compartilhar tantas opções propiciadas pela tecnologia e cultura, esses jovens estão situados em contextos diversos e, portanto, possuem estímulos diferentes aos fenômenos de mundo. Dessa forma, não podemos pensar o jovem como essência, mas como pluralidade, diversidade e singularidade histórica.

A América Latina é um espaço fértil para os estudos dos tipos de narrativas mencionadas neste trabalho, uma vez que é conflitante pensar uma literatura tão libertadora situada em um espaço tão conservador. Ou seja, se por um lado as tramas dessas obras juvenis funcionam como forças centrífugas (BAKHTIN, 2015) em direção à verdadeira identidade desses sujeitos, o meio social por meio de ações respostas agir na tentativa de sufocar essas identidades que despertam a fim de manter a homogeneidade (forças centrípetas). Tendo um histórico de proximidade com a Igreja Católica desde a sua colonização, e muitos dos valores higienizados europeus, a América Latina, apesar da globalização e do avanço de diálogo com as minorias, tende a, constantemente e diariamente, renegar os filhos que fogem dos padrões hegemônicos e desgarrá-los. É em meio a essa problemática que começa uma nova caça às bruxas, silenciosa e simbólica, em busca de identidades dissidentes que devem ser apagadas e

silenciadas na intenção de não fomentar outros a também saírem à luz do sol, na América essa caça é motivada, sobretudo, pela herança colonial de caráter cristão e petencostal que, por vezes, estabelece padrões bem definidos do que é ser um sujeito aceitável aos olhos da divindade suprema, excluindo e invisibilizando corpos dissidentes.

É fácil concluir que nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. (LOURO, 2016, p. 15).

A cultura da convergência e da conexão (JENKINS, 2009) é responsável por não só democratizar o acesso a ferramentas culturais, mas também por propiciar a comunicação entre diversos sujeitos e grupos. É nessa facilidade de interagir com pessoas diversas e longe da própria realidade que faz com que, muitas vezes, esses “outros”, como mencionado por Louro, consigam achar conforto, a tão sonhada sensação de pertencimento e, sobretudo, afirmação a partir da contemplação do outro tão parecido com si mesmo. No entanto, nem todos têm acesso à essas ferramentas de comunicação e, muitas vezes, são poucos os que sequer tem acesso às obras literárias que podem auxiliá-los na busca da identidade. No mundo globalizado, especificamente na América Latina, as desigualdades sociais são elevadas e

são evidentes as consequências desta desigualdade na formação de diferenças culturais e na participação em redes comunicacionais com níveis distintos de diversidade e interculturalidade, em várias línguas e em circuitos de muitos países. A enorme maioria dos jovens, como o resto da população, ficam limitados à televisão gratuita nacional e a redes informais de bens e serviços. (CANCLINI, 2002, p. 213).

A partir desse paradigma, é evidente, então, que apesar dos avanços propiciados pela globalização ainda persiste uma forte tentativa de subordinação da massa populacional. Ainda que diversas vozes estejam sendo chamadas para as mídias, literaturas, telas de cinema ou de galerias, ainda há um discurso maior tentando se sobrepor aos demais. Estando em uma sociedade de classes, é de se supor que a dominante insista por meio de um discurso monológico (BAKHTIN, 2008) revoze um discurso único, normativo, padronizador e que faça perpetuar os seus interesses. É dessa maneira, portanto, que o discurso de uma suposta modernização para todos “passa da integração das sociedades para a submissão da população às elites empresariais, e destas aos bancos, investidores e credores transnacionais.” (CANCLINI, 2009, p. 212). Nesse ciclo obstinado a nunca parar, sujeitos permanecem sendo esmagados pela roda enquanto tentam pará-la ou se mostram diferentes daquilo que se estabelece como padrão. Os “outros” de cada sociedade estão sendo repetitivamente convidados a esconderem suas verdadeiras faces e manterem o funcionamento do sistema. Todos são suscetíveis às opressões do sistema, mas é sempre importante lembrar que “a exclusão pode bater a porta de qualquer pessoa, mas não atinge a todos” (CANCLINI, 2009, p. 213). Além disso, “é verossímil a hipótese de que a fragmentação e a descontinuidade acentuam-se nos jovens de classe médias e altas, precisamente por causa da opulência informativa e de recursos de interconexão.” (CANCLINI, 2009, p. 217). Por fim, percebe-se que a relação dos jovens com os artefatos artísticos está atravessada do fator econômico, o qual para alguns não será um grande problema e os farão por meio da cultura problematizar seu papel e identidade e, para alguns, não será nada representativo, uma vez que sem reconhecer o papel da arte viverá a vida por ela mesma, sem se questionar, refletir e se construir para além do que é dado.

Nessa problemática urge a importância de se ouvir as vozes do sul (MOITA LOPES, 2006), considerando os jovens, seus pais, professores, amigos e todos os sujeitos que os cercam como possuidores de corpos nos quais suas classes sociais, sexualidades, gêneros e etnia são inscritos em posicionamentos discursivos, daí a importância de compreender esses seres como históricos e não como habitantes de um vácuo social (MOITA LOPES, 2006). Portanto, a literatura enquanto mediadora entre diferentes culturas (PERRONE-MOISÉS, 2016), é um grande aliado no discurso da arte para proporcionar alteridade aos leitores e, porventura, corrosionar os discursos

monológicos do discurso da vida. A partir da explanação acerca das fanfictions e de gêneros como o Young Adult (YA), fica evidente que essas obras apesar de possuírem grande interesse comercial, reelaboram (BAKHTIN, 2015) do mundo real para a arte realidades juvenis pungentes que confortam os leitores, os fazem se ver melhor a partir da refração da narrativa e, por consequência, os fazem agir no mundo.

Percebe-se, desta maneira, a subversão de um modo de ler tido até então como individual e solitário para uma leitura que pode ser reconhecida como prática cidadã. A leitura juvenil tende a não se bastar com a última página da obra, estendendo-se para discussões em comunidades de leitores, fóruns online ou nas próprias redes sociais. Além disso, a discussão muitas vezes permanece sendo insuficiente, levando esses leitores para a escrita na qual reformularão seus textos prediletos e darão nova roupagem identitária a eles. A visão da leitura dita best-sellers tida como leitura de entretenimento começa, então, a se corroer. Ao que parece, os últimos romances não estão tratando de grandes aventuras que tirem os leitores da realidade confusa e dura para um universo dos felizes para sempre. Na realidade, estão mergulhando esses leitores em uma realidade bem próxima à dele e mostrando, a partir do outro, um espelho. Para que esse sujeito leitor se perceba a partir do outro, se preencha e encontre acabamento (BAKHTIN, 2011). Por fim, é evidente a contrariedade da identidade, ainda que pareça estar se referindo a uma unidade acabada e resolvida ela, na verdade, está em constante mudança (HALL, 2015), fluindo como a modernidade e em constante construção a partir da interação com o outro, seja fictício ou real.

### **Considerações finais**

Afinal de contas, o grande nicho formado por jovens leitores consumidores de sagas e obras juvenis pode ser totalmente compreensível a partir da questão da identidade cultural. Mais do que uma história de aventura, fantástica, terror, ou seja, qual for, busca-se, sobretudo, a si mesmo. As comunidades, que por muito tempo tentaram homogeneizar seus sujeitos e policiá-los para que jamais se desviassem do padrão estabelecido como bom usam, por vezes, métodos para escapar dessa realidade e encontrarem uma menos hostil, o que acontece por meio das páginas dos livros - seja pelo canal que ele estiver. Por meio da arte os sujeitos constroem as pontes que os

levam para realidades outras. Seja morador de uma opulenta cidade, ou de uma pequena fazenda no interior de um país, os livros, filmes, músicas e diversos outros meios artísticos tendem a chegar e apresentar um mundo gigantesco no qual esses seres nunca imaginaram e romper os destinos previamente estabelecido destes. A arte não se transfigura em realidade, mas faz com que os sujeitos multipliquem suas possibilidades no mundo real.

A indústria cultural esteve nos últimos anos atenta às produções artísticas na intenção de tirar o máximo de lucro dela. Ao contrário do que propunha Adorno (1985) ao pensar uma indústria que criava uma arte aderente que fazia os sujeitos passivos e obedientes frente aos problemas da sociedade capitalista, essas obras têm justamente feito o contrário, fomentado o encontro com si mesmo e seu devido eco pelo meio social. Óbvio que por diversas vezes, o que Adorno (1985) fala se torna realidade, porém generalizar toda a literatura advinda dessa indústria como mecanismo de submissão é, no mínimo, apressado demais.

No início de 2018, uma grande polêmica envolveu a autora da saga tão falada durante este trabalho. J. K. Rowling após alguns anos do fim de sua saga de maior sucesso liberou informações sobre personagens antigos, sendo uma das mais chocantes e interessantes para os leitores o fato do bruxo Dumbledore – diretor da escola – ter sido gay e nutrido fortes sentimentos por um velho amigo. O problema começou porque essa informação nunca ficou explícita ao longo da narrativa e tão pouco aconteceu com outros personagens juvenis da trama. Os fãs ficaram felizes pela representatividade na série, mas ao mesmo tempo criticaram a autora. Afinal, porque deixar todos esses detalhes fora do livro e apenas revelar depois? Há um termo que evidencia essa fenômenos como esse, o chamado *queerbaiting*, o qual consiste na indicação ou suposição de que determinada produção artística possui personagens LGBTQ+ no enredo, porém, nada fica explícito durante o seu desenrolar. Mesmo com o lançamento de novos filmes que seguem aspectos da saga original de Harry Potter, a autora manteve esses aspectos escondidos ou muito discretos. Portanto, a maior saga juvenil da era contemporânea segue em seu percurso higienizado e normativo, demonstrando que aparentemente a representatividade vende, e que muitas vezes o lucro está em primeiro plano em relação a questões como a empatia e a intenção de fazer refletir. Para os jovens leitores, parece que a aventura é muito mais intensa quando embarca para um

dos lugares mais estranhos e desconhecidos: si mesmo. A aventura por si só, desligada de outras questões identitárias tem se mostrado cada vez menos atraente para jovens leitores.

A literatura da era líquida, em seu processo de mutação, criou um novo e gigantesco sistema de leitores, leituras e escritores que não deve mais ser olhado com os olhos do passado. Aparentemente, estamos diante de um sistema aprimorado, denso e mais profundo do que se parece. Talvez, seja hora de abandonar os velhos óculos empoeirados e já remendados para experimentarmos os novos óculos 3D para, efetivamente e definitivamente, termos mais claro qual o papel dessa literatura que desponta no horizonte com raios de diversas dimensões.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. H. M. *Dialética do esclarecimento*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ANDRADE, J. A. de O. *Nem só de livros vive o cérebro do trio de ouro: o florescer erótico de uma jovem bruxa na fanfiction Sangue Negro*. In: Encontro de Estudos Bakhtinianos, 9, 2017, Campinas. *Ebook Das resistências à escatologia política: risos, corpos e narrativas enunciando uma ciência neutra*. São Carlos: Pedro & João, 2017.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I: a estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- \_\_\_\_\_. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história da cultura*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.
- CLARE, C. *Os Instrumentos Mortais*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010-2014.
- COLLINS, S. *Jogos Vorazes*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CANCLINI, N. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2009.

\_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. *Latinoamericanos buscando un lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

GREEN, J. *A culpa é das estrelas*. Tradução Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

\_\_\_\_\_. *Cidades de Papel*. Tradução Juliana Romeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JAMES, E. L. *Cinquenta Tons de Cinza*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2. ed. 5. reimp. São Paulo: Aleph, 2009.

\_\_\_\_\_. *Invasores do texto: fãs e cultura participativa*. Tradução Érico Assis. Nova Iguaçu, RJ : Marsupial, 2015.

LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MEYER, S. *Crepúsculo*. Tradução de Ryta Vinagre. 2a ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008a.

MOITA LOPES, L. P. da. *Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PAES, J. P. *As dimensões da aventura*. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARTRE, J. P. *Qu'est-ce que La littérature?*. In: *Situations II*. Paris: Gallimard, 1948.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 4. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLDEMORT: a origem do herdeiro. Direção (roteiro) de Gianmaria Pezzato. Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte : 2018. Youtube: 2018. Vídeo YouTube (53 min.), colorido. Baseado na saga Harry Potter de J. K. Rowling.

Data de recebimento: 30/09/2018

Data de aceite: 21/10/2018